

## Mulher pelada

Toda sexta-feira, lá pelas seis e meia da tarde, meu pai aparecia para nos buscar. Assim que dobrava a esquina, dava duas buziadas curtas: era o sinal para que pegássemos nossas mochilas e corréssemos para a rua.

Geralmente íamos a algum restaurante ou bar, onde ele encontrava os amigos e a namorada e nos esbaldávamos misturando Coca-Cola com Suktita, comendo frango à passarinho com batata-frita e mandando pra cucuia, em meia hora, toda a harmonia nutricional que minha mãe havia conquistado, a duras penas, ao longo da semana.

Nas épocas em que meu pai tinha alguma peça em cartaz, costumávamos passar pelo teatro antes ou depois do bar, para que ele checasse a bilheteria, conversasse com os atores, visse o público entrando, ou, caso o espetáculo já tivesse começado, aferrisse o êxito da noite pelo número de pipoqueiros na calçada.

Quando eu tinha uns cinco anos, estreou *Besame mucho* no Cultura Artística. Foi o maior sucesso do meu pai — coisa para três, quatro pipoqueiros —, mas eu não o considerava um homem realizado: muito pelo contrário. É que, aos olhos de uma criança, aquele teatro, embora com a marca arquitetônica paulistana, era incapaz de competir com a exuberância kitsch das casas de strip adjacentes. Que apego tinha um painel de pastilhas do Di Cavalcanti diante de neonos em forma de dançarinas de canca, levantando e abaixando as pernas, bocas abertas e fechando, línguas cheias, cruscantes e minguantes, cometas espirchando as caudas, estrelas acendendo e apagando? O que podia o projeto modernista de Rino Levi entre fachadas imitando castelo medieval, gruta rochosa e chalé alpinho, com portas espelhadas, douradas, prateadas, forradas de couro preto, branco ou vermelho? Por aquelas portas pude ver de relance, uma ou duas vezes, os palcos estumagados, o piscar-piscar da luz estrobo, as prateleiras repletas de garrafas coloridas e, assim, confirmar a suspeita de que o teatro do meu pai era o estabelecimento mais desamado da região.

Fui morria de vontade de saber mais sobre aquela Disneylândia noturna, mas não abria a boca, com receio de magoar meu pai, lembrando-lhe da simplicidade de seu teatro. Uma noite, contudo, ao sairmos do Cultura Artística, com o nariz colado no vidro de trás do carro e os olhos hipnotizados pelos neonos, a curiosidade venceu o pudor e perguntei: por que aqueles teatros eram tão mais incrementados que o dele? Por que o dele, mesmo fazendo tanto sucesso, não investia em luzes e decoração, atequando-se ao nível da vizinhança? Sem aparentar nenhum ressentimento, meu pai explicou que as casas por trás dos luminosos não eram teatros, mas bares. Estranho. Eu conhecia muitos bares; o que tornava aqueles tão diferentes dos outros, em que costumávamos frango à passarinho com batatas fritas e misturávamos Coca com Suktita? Com a maior naturalidade, meu pai respondeu: "Mulheres peladas."

Fiquei bastante intrigado. Do alto de minha meia década de existência, "mulher pelada" não evocava nada além da imagem de minha mãe entrando ou saindo do banho, de touca na cabeça e toalha na mão, cheio de xampu no ar, gotículas de vapor nos azulejos. Bem, talvez a fumaça vista pelas portas entreabertas fosse vapor das chuveiros em que as tais mulheres se banhavam, mas algumas questões maiores permaneceriam sem resposta: o que levaria mulheres a tomar banho num bar? Por que permaneceriam peladas depois da ducha? Qual seria a graça de conter frango à passarinho com a bunda de fora?

A explicação do meu pai só aumentou minha confusão: as mulheres peladas estavam lá porque homens que não tinham namorada apareciam especialmente para vê-las. De novo, impossível ligar causa e efeito: por que um homem sem namorada ia querer ver uma mulher pelada? Ainda mais num bar?

Enquanto rumávamos para o restaurante, subindo a Consolegão, fiquei imaginando os tais sujeitos solitários, com cabelos desgrenhados e barbas por fazer, a bebericar tristemente seus chopes enquanto mães nuas iam e vinham com toalhas enroladas na cabeça, parando eventualmente entre as mesas para, apoiando o pé no assento de uma cadeira, passar cera depilatória.

Incapaz de visualizar tamanho desparafetado, pedi a meu pai que nos levasse a um bar de mulher pelada na próxima sexta. Não dava, ele disse, eram proibidos para crianças. Então, pela primeira vez naquela noite, alguma lógica apareceu: a proibição deveria ser para evitar que vissemos os tais homens sem namorada, sofrendo em meio ao vapor, aos neonos e às tocas de banho. Aceitei a situação com certo alívio, até: o teatro do meu pai não era, afinal de contas, o estabelecimento mais triste da região.

So quase vinte anos mais tarde atravessei uma daquelas portas espelhadas: as mulheres eram diferentes do que eu havia imaginado, mas os homens estavam lá, bem como eu os havia pintado.

Antonio PATA. Nu, de bozo.  
Compêndio dos Velhos, 2013.